

COLÉGIO SANTA MARIA MINAS – UNIDADE BETIM
PROJETO MULTIDISCIPLINAR

ANA BEATRIZ MACIEL, ANA CAROLINA ROCHA, CAROLINA ALCANTARA,
LETÍCIA SCHMIDT E MARIA VITÓRIA MANHANES

DIÁRIO DE BORDO

Visibilidade das mulheres empreendedoras

Betim

2021

- Nuvem de Palavras:



- **Pesquisas em sites sobre o tema:**

Infelizmente, nossa sociedade é machista e patriarcal. Mas o que é isso?

Machismo:

- O machismo é uma opressão, um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento do gênero feminino. Nas suas mais diversas formas, das mulheres, feitas pelos homens e um sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade. E é a consequência da especialização da divisão social do trabalho no tempo do desenvolvimento do capitalismo.

- Quando uma mulher que se mostra com características “mais masculinas”, ou que se mostra mais imponente em relação a sua opinião e seus direitos, é oprimida e rebaixada por ser do “sexo frágil”, e quando o contrário acontece, o homem se mostrando com “características femininas” ele é ridicularizado.

- Outro fato, é de que quando um homem está em companhia de muitas mulheres, ele é conhecido como o melhor de todos, o galã, o “rei delas”, e é muito bem visto, mas quando acontece o contrário, uma mulher acompanhada de muitos homens, é conhecida por rodada, e outros nomes pejorativos e é mal vista pelas pessoas.

- Uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar como um homem e ter os mesmos direitos que ele, ou que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais.

Patriarcado:

- Dentre os vários setores da sociedade em que o pensamento machista se faz presente, a família é um dos mais debatidos atualmente. Isso porque a maioria dos núcleos familiares, tanto dos países ocidentais quanto dos orientais, é estruturada colocando a figura do homem/pai em uma posição de superioridade atribuindo a ele o papel de sustentar a casa, ou seja, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças, além de ter, liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades.

- A mulher é submissa à vontade masculina. Por mais que esse cenário esteja mudando e muitas famílias já não partilham desses pressupostos, a sociedade ainda é, em grande parte, patriarcal, ou seja, voltada para a figura do homem.

- Os homens são considerados os únicos capazes de conduzir a vida política, econômica, moral e social.

- As mulheres são consideradas seres mais fracos física e mentalmente.

- Somente os homens possuem capacidade de tomar decisões importantes.

- A superioridade da masculinidade é presente nas famílias, que dá tratamento diferenciado aos filhos.

- As mulheres são incentivadas a estarem no domínio dos homens, sendo levadas a acreditar que não possuem capacidade de decisão.

Tópicos importantes

Problema: dificuldades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho.

Hipóteses: esse problema é causado por meio das raízes profundas do patriarcado e do machismo.

- Movimento feminista e sororidade.
- Dupla jornada da mulher – trabalho e vida doméstica.

- Relação entre a pandemia e o crescimento do empreendedorismo autônomo.

Introdução

Na atualidade, é decorrente o uso dos termos “machismo” e “patriarcado”. Contudo, demasiados sujeitos não têm conhecimento sobre a diferença entre ambos.

O machismo é caracterizado por uma opressão que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros. Pode ser representado por diversas formas, como: quando uma mulher se demonstra mais imponente em relação a sua opinião e seus direitos, pode ser oprimida e rebaixada. Acreditar que os flagelos machistas afligem somente as mulheres é um ideal completamente errôneo: na sociedade machista, ensina-se aos homens a não demonstrarem, a desprezarem seus sentimentos. Logo, esses sujeitos, em excessivas situações, desprezam seus sentimentos. Portanto, surtos de raiva e agressão são frequentes e o mais preocupante, são apontados como normais. Em consequência, observa-se que, a taxa de suicídios é maior para os casos dos homens em relação aos das mulheres, como nota-se no gráfico abaixo:



Agência Brasil. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/cerca-de-11-mil-pessoas-tiram-propria-vida-todos-os-anos-no-brasil>>. Acesso em 01 de junho de 2021.

O patriarcado, por sua vez, origina-se dos tempos primitivos, devido a maternidade que limitava as mulheres grávidas ou aquelas em fase de amamentação. A partir dessa situação, não desfrutavam da mesma capacidade física dos homens. Um dos exemplos explícitos dos flagelos patriarcais na sociedade é a estrutura familiar, na qual, a figura paterna é considerada superior à materna. O pai tem a função de sustentar a casa e de manter a autoridade sobre as mulheres e crianças. Já a mulher é submissa a vontade masculina e, muitas vezes, ocupa o papel doméstico. O patriarcado, no que lhe diz respeito, seria acreditar que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade.

A partir da situação supracitada, é perceptível que as mulheres, no mundo do empreendedorismo, sofrerão com os flagelos machistas – uma vez que serão constantemente oprimidas em seu meio de trabalho –, além dos flagelos patriarcais. Pelas lentes do patriarcado, aquelas pertencentes ao sexo feminino têm a função de executar os afazeres do lar, bem como zelar pelos filhos, fator que desencadeia a dupla jornada. A dupla jornada é caracterizada, nesse caso, pelo fato de que, a mulher tem a necessidade de não só trabalhar em sua residência, bem como lidar com sua empresa.

Para além do mais, há o ato da “romantização”. Romantizar é o equivalente a idealizar uma situação desagradável, que em demasiadas situações, pode ser caracterizada como maçante. Essa ação é repetidamente encontrada no mundo do empreendedorismo, a partir do momento em que, as mulheres, apesar de não enfrentarem apenas os desafios do mundo do empreendedorismo, têm a necessidade de enfrentar, diariamente, os efeitos do machismo e do patriarcado. Em contrapartida, o mundo do empreendedorismo é constantemente tido como algo fácil de se lidar. Ao se idealizar uma situação maçante, excessiva parte da luta diária, é retirada, contribuindo para a errônea ideia de que, o ato de ser empreendedor(a), é algo fácil de se lidar. Atrelado a esse ideal, há o constante sentimento de impotência, podendo ocasionar doenças como a depressão e a ansiedade. Outrossim, o ato de “romantizar”, contribui para com o machismo e o patriarcado velados, que são caracterizados por ações ditas como “normais”. Entretanto, essas ações têm cunho preconceituoso e são normalizadas no cotidiano dos indivíduos, dificultando a quebra dos estigmas machistas e patriarcais na sociedade.

Portanto, nota-se que, infelizmente, as mulheres lidam com um maior número de desafios no mundo do empreendedorismo e trabalho autônomo, comparando-se aos homens.

De acordo com as autoras, Eva G. Jonathan e Taissa M. R. da Silva, do artigo “Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes” “[...] são escassas as pesquisas mais aprofundadas sobre o empreendedorismo feminino no Brasil.” A partir dessa conjuntura, surge não só a necessidade urgente da abordagem dessa temática. Bem como as seguintes questões: como as mulheres lidam com a dupla jornada? Como o ato de empreender torna-se um ato de resistência? Quais obstáculos essas mulheres precisaram enfrentar para alcançarem o patamar que têm nos dias atuais? Como elas acreditam que os flagelos machistas e patriarcais afligiram-nas? Em quais medidas as pequenas ações podem auxiliar na desconstrução da romantização?

Metodologia

Para alcançar os objetivos desejados, criou-se um questionário com o propósito de estabelecer um contato com as narrativas das empreendedoras que serão, em seguida entrevistadas. Tendo como princípio a diversidade, o primeiro passo foi contactar mulheres de diversas raças e origens.

Em uma primeira instância, a empreendedora questionada deve assinar um termo de validação. Caso a entrevistada não se sentir segura ao responder as perguntas do termo de validação, basta selecionar a opção “não”. Entretanto, na hipótese de a resposta ser “sim”, ela poderá escolher entre as seguintes alternativas: agendar uma entrevista ao vivo com nossa equipe, visando à disponibilidade de ambos os lados, ou responder o formulário e deixar o e-mail para contato e o esclarecimento de dúvidas, caso haja alguma.

Posteriormente, elaborou-se o blog “DEF: Desromantizando o Empreendedorismo Feminino”. Além disso, foi produzida uma página no aplicativo “Instagram”, denominada “projeto_def”, com o intuito de se divulgar os resultados para um público mais amplo.

Análise

A seguir serão expostos os dados obtidos, bem como trechos das narrativas descritas pelas entrevistadas.

Em uma primeira instância, é possível observar que, em um total de 28 mulheres entrevistadas, 8% relataram pertencer a classe econômica baixa; 25% relataram pertencer a classe econômica média-baixa; 59% relataram pertencer a classe econômica média; 8% relataram pertencer a classe econômica média-alta e 0% pertencem a classe econômica alta.

É perceptível que cada entrevistada desse grupo tem seu princípio único no mundo do empreendedorismo. Contudo, observa-se que, em cada realidade

distinta, ainda há a predominância da iniciação da carreira empreendedora, a partir de dificuldades financeiras.

“Quando comecei a trabalhar em empresas que não valorizavam a minha capacidade de crescimento [...]”

“Em 2015, por necessidade financeira.”

“Na época da faculdade ‘qd’ fazia bonecas de pano para vender e ajudar em casa. Depois em 2010 abri minha empresa e nunca mais quis saber de patrão na vida”

Foi observado que o modo predominante de empreender dessas mulheres, é a plataforma digital Instagram, que permite a elas o alcance de um maior público-alvo. Ademais, outros modos como o iFood, aplicativos e sites próprios, além do WhatsApp.

“Pela internet e Instagram”

“Eu divulgo meu trabalho, converso com os clientes e marco os ensaios pelo Instagram.

Depois que fazemos as fotos, todo o processo de edição e entrega das fotos é totalmente online.”

“100% on-line. Atualmente minha loja tem um perfil no Instagram, e é por ele que trabalho e alcanço mais pessoas todos os dias. [...]”

Quanto às maiores dificuldades ao empreender, há uma diversa variação entre as respostas. Em contrapartida, as que foram possíveis observar em excesso estão atreladas à falta de engajamento, falta de investimento e às inseguranças pessoais.

“A timidez e a insegurança foram meus primeiros fatores de dificuldade [...]”

“O engajamento no Instagram é difícil de ser alcançado. Alguns posts dão certo e outros não e percebo a imprevisibilidade disso. Acredito que superarei isso mantendo constância e aceitando as falhas.”

“A maior dificuldade no meu caso, foi ter o dinheiro inicial para investir.”

“Maior dificuldade é a comunicação. É fazer chegar à mensagem no maior número de pessoas.”

É evidente que, apesar das dificuldades enfrentadas, apenas três responderam que abandonariam suas microempresas caso recebessem outra oportunidade de emprego. Ademais, para todas as entrevistas, seus negócios possuem uma outra importância, além da questão financeira.

“Jamais! Isso aconteceu ao longo dos anos. Já recebi muita proposta, convites pra trabalhar em empresas, mas não aceitei porque acredito muito no potencial da minha empresa e jamais abandonaria isso. [...]”

“De jeito nenhum, como aliás, isso aconteceu há pouco tempo; recebi proposta para trabalhar na área editorial.”

“Muito! Não trabalho só por mim. Meu trabalho tem um propósito muito grande, pretendo ser uma empresa grande que investe seu dinheiro em causas necessárias. Uma empresa regida e mantida por mulheres. [...]”

“Bom, meu trabalho é realizado a partir da memória ancestral. É um trabalho no qual tenho acesso com culturas que nos foram negadas durante muitos anos. Além de contribuir, diretamente pra autoestima da população negra.”

Com relação a dupla jornada, tópico relatado anteriormente, é perceptível que 87% das mulheres entrevistadas se identificam com o cenário apresentado.

“Sim, me identifico. Separo algum dia da semana sem trabalho para poder organizar a casa.”

“Olha, não dá muito pra fazer os dois, acabo abandonando um pouco esse cuidar de casa, porque trabalho muito e não sobra muito tempo. Como tenho meu trabalho sempre como prioridade, quando sobra um tempinho que me dedico as outras questões. [...]”

“Infelizmente a realidade ainda é essa. Mulheres casadas e mães têm dupla jornada porque os homens ainda não se sentem ativamente responsáveis pelas tarefas da casa. Eu tento conciliar, mas as vezes a casa fica um caos.

Mas estou buscando mudar essa realidade na minha casa envolvendo meu marido nas tarefas [...]”

Ao serem indagadas sobre a diferença entre os mercados do empreendedorismo feminino em comparação ao masculino, 91% acreditam e argumentam sobre a desigualdade presente em uma sociedade machista e patriarcal.

“Há muita! A liderança feminina sob funcionários de sexo masculino é muito subestimada e desrespeitada. Quando estamos estressadas, sempre relacionam ao nosso período pré menstrual.”

“Com certeza. Além da jornada dupla das mulheres e da discriminação de gênero no mercado de trabalho os homens têm mais tempo disponível justamente porque há mulheres cuidando de suas casas, comida, filhos, etc.”

“Provavelmente, o empreendimento feminino encontra mais barreiras nas avaliações, na consolidação, na legitimação, na consagração. Na literatura, sabemos, por pesquisas, que o campo ainda é masculino, branco, hétero. Isso vai mudando lentamente.”

Por fim, as mulheres empreendedoras foram indagadas quanto às situações claras de preconceito em seus espaços de trabalho. Infelizmente, é possível perceber que os relatos variam desde a questão da descrença, sofrer críticas por parte de familiares, até mesmo quanto ao fato de apenas terem suas opiniões credibilizadas quando estavam na presença de um companheiro.

“Sempre, e principalmente por ser uma mulher negra, mas não deixo isso me abater, tenho essa consciência de que isso sempre vai acontecer e cuido do meu psicológico pra conseguir sempre lidar com otimismo.”

“Quando o salão estava em reforma, os pedreiros envolvidos não me davam credibilidade para as coisas que eu pedia para ser feito, e quando o meu parceiro pedia a eles, era feito na mesma hora. [...]”

“Já fui muito desacreditada, por vezes até desencorajada, a seguir uma carreira tão inconstante em um país que não valoriza seus artistas. [...]”

Conclusão

Portanto, conclui-se que as empreendedoras autônomas enfrentam dificuldade que vão para além das dificuldades que os homens enfrentam, tais como a dupla jornada do trabalho e a constante opressão.

A partir das pesquisas, os objetivos foram alcançados, a medida em que as perguntas supracitadas (Como as mulheres lidam com a dupla jornada? Como o ato de empreender torna-se um ato de resistência? Quais obstáculos essas mulheres precisaram enfrentar para alcançarem o patamar que têm nos dias atuais? Como elas acreditam que os flagelos machistas e patriarcais afligiram-nas? Em quais medidas as pequenas ações podem auxiliar na desconstrução da romantização?), foram totalmente respondidas.

A maior dificuldade encontrada pelo grupo, foi alcançar narrativas de mulheres trans, fator que evidencia a urgência de se dar maior sonoridade a esse grupo, bem como realizar mais pesquisas que têm como base a diversidade.

Por fim, os flagelos do machismo e do patriarcado na sociedade contemporânea foram clareados. Observa-se também a necessidade da criação de um espaço cultural, que deve começar na escola, com o intuito de realizar rodas de conversa, apresentações culturais e manter o contato com a literatura local, para, enfim, conceder a devida sonoridade a todas as mulheres.

- **Anotações - II Etapa:**

MAIO:

29/05: realização do aplicativo de PCP (com nosso grupo)

JUNHO:

02/06: aprimoramento do blog

07/06: realização da inscrição do anexo 2 da FEBIC

08/06: realização das atividades de CDD (com nosso grupo) - Economia Solidária e as cooperativas escolares

09/06: realização das atividades de CDD (com nosso grupo) - Economia Solidária e as cooperativas escolares

11/06: realização das atividades de PCP (com nosso grupo) - Supercomputadores

15/06: realização das atividades de CDD (com nosso grupo) - Compota de laranja

16/06: realização das atividades de CDD (com nosso grupo) - Compota de laranja

18/06: realização das atividades de PCP (com nosso grupo) – jogo Mata Mosquito

29/06: aprimoramento do formulário e das propostas de intervenção (blog e Instagram); realização do resumo

JULHO:

01/07: As mulheres empreendedoras começaram a responder o formulário

03/07: Fomos finalistas da FEBIC e agora treinar para a apresentação

06/07: Organizamos uma planilha para analisar os resultados do questionário

12/07: Analisar o documento da UFMG

13/07: Inscrição para UFMG

14/07: Organização do roteiro do vídeo para UFMG

22/07: Iniciando a produção do vídeo (UFMG)

28/07: Finalizou o vídeo (UFMG)

AGOSTO:

01/08: reunião para decidir detalhes sobre apresentação da FEBIC

02/08: término dos tópicos para a realização dos slides da FEBIC
03/08: slides prontos, apenas uma maior e melhor aprimoração
04/08: gravação do vídeo da FEBIC
05/08: término do artigo da UEADSL e envio desse
07/08: organização das entrevistas do formulário no Word
09/08: aprimoração do projeto da UFMG
10/08: nós baixamos e publicamos o vídeo da UFMG no Youtube, além de legendá-lo
11/08: realização dos gráficos de CDD
13/08: aprimoração do projeto escrito da UFMG
14/08: resolução de empecilhos quanto ao vídeo da UFMG
16/08: início da escrita de posts para o Instagram e blog
17/08: organização de parte do grupo para a FEBIC
18/08: treino para a FEBIC
19/08: treino para a FEBIC e apresentação do projeto

- **Resumo FEMIC:**

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer mais histórias de mulheres empreendedoras autônomas e divulgar os resultados da pesquisa em espaço virtual, buscando auxiliar na valorização e na desromantização das narrativas das mulheres no mundo do marketing digital. Isso parte da ideia de que é essencial averiguar as imagens criadas das empreendedoras femininas no Instagram para mostrar o outro lado que ainda reflete as mazelas sociais, sobretudo, a desigualdade de gênero. Esse cenário, muitas vezes, aponta para um universo feminino que sofre com preconceitos acerca da gestação, da menstruação e do rendimento do trabalho e por ser mulher. Esses obstáculos podem interferir no seu trabalho virtual, assim como glamourizar o esforço feminino, sem considerar suas lutas diárias e desafios, como aliar a maternidade e o trabalho. Para isso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, tendo como base o livro *Breve História do feminismo*, de Carla Cristina Garcia e outras autoras do universo feminista como Daniela Moraes Brum, Simone de Beauvoir e Djamila Ribeiro, além de *Mudar de atitude!*, de Edié Saldanha que mostra sugestões para empreendedorismo feminino. Tem-se, nesse sentido, uma investigação voltada para a romantização do empreendedorismo feminino, com o intuito de divulgar histórias de luta e de trabalho para o desenvolvimento do seu negócio virtual, promovendo sonoridade e visibilidade social. Sob essa ótica, a pesquisa será realizada de modo qualitativo por meio de entrevistas e de questionários com grupos de mulheres empreendedoras do aplicativo Instagram. Em suma, espera-se que as entrevistadas tenham um maior reconhecimento em seus trabalhos autônomos, em virtude da divulgação de suas histórias na página em uma rede social e em um blog do projeto, rompendo ainda com o processo de romantização de marketing digital feminino.

- **Referências**

BALBINOTTI, Izabele. *A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO EXPRESSÃO DO PATRIARCADO E DO MACHISMO.* **Revista da ESMESC**, 2018. Disponível em: <https://www.revista.esmesc.org.br/re/article/view/191>. Acesso em: 04 de ago. 2021.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, Taissa M. R. da. *Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes.* **SCIELO**, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000100011&script=sci_ar text&tlng=pt. Acesso em: 04 de ago. 2021.

OLIVEIRA, Rayssa Medeiros de. *O patriarcado, o machismo e a violência psicológica contra a mulher.* **UnICEUB**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14844>. Acesso em: 04 de ago. 2021.